

**O PENSAMENTO
LUSO-GALAICO-BRASILEIRO
(1850-2000)**

ACTAS DO I CONGRESSO INTERNACIONAL

II

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA
2009

O HUMANISMO ANTICOUSISTA EM LEONARDO COIMBRA

ANTÓNIO MARTINS DA COSTA

Universidade Católica Portuguesa — Porto

Já em escritos anteriores¹ à sua primeira obra, *O Criaçãoismo (Esboço de um Sistema Filosófico)*, de 1912, Leonardo Coimbra desenvolve uma profunda reflexão filosófica e antropológica, de cariz espiritualista e idealista, que, segundo Cândido Pimentel, é «incompatível com uma concepção empiricista e naturalista do homem². Essa reflexão terá nas suas obras futuras um desenvolvimento verdadeiramente original, no sentido de uma dessubstancialização do homem e do seu pensamento, que o liberte e o abra para uma dimensão não meramente imanentista, mas para uma dimensão metafísica

¹ Em textos como *Guerra Junqueiro*, de 1906; *Justiça e Liberdade*, de 1906; *Por Ferrer e Nakens*, de 1907; *O Homem Livre e o Homem Legal*, de 1909; *Individualismo*, de 1909; *Pensamento e a Liberdade*, de 1909; *O Materialismo*, de 1909; *A Autópsia de um Imbecil*, de 1909; *O Pessimismo e o Optimismo*, de 1909; *A Filosofia da Liberdade*, de 1912, são apenas alguns exemplos de escritos de Leonardo Coimbra onde a temática antropológica anticousista já está bem presente.

² Leonardo Coimbra, *Obras Completas*, vol. 1, t. 1 (1903-1912), introdução de Manuel Cândido Pimentel, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 63.

e do infinito: universal. Leonardo Coimbra, em *O Pensamento Criacionista*, não deixa de manifestar esta intuição ao dizer que as filosofias materialistas e dogmáticas definham o homem, uma vez que não se apercebem da misteriosa dimensão que, através do animal, o une ao todo. Outras o mutilam e apoucam, porque não alcançam a oculta dimensão em que toca Deus³.

Todos sabemos que Leonardo Coimbra foi influenciado pelo pensamento de Miguel de Unamuno⁴, autor esse que defendia o homem de carne e osso. Contudo, Leonardo Coimbra, embora concordando com o autor espanhol, diz que é bom que não se esqueça da alma. Por isso, a antropologia de Leonardo tem, desde o início do seu pensamento, em conta não só o homem isolado, biológico, em si mesmo, mas também os outros, inclusive Deus. O homem isolado não é nada. Pensar o contrário é outra forma de coisificar o homem. O homem para Leonardo só existe pela reciprocidade das relações. O amor humano nada é sem o amor de Deus. O amor cristão, diz Leonardo Coimbra, só se atinge quando se alcança a unidade essencial vista na sua plenitude⁵, na plenitude do totalmente outro, no absoluto. Desta maneira, Leonardo Coimbra ultrapassa a simples imanência, ao afirmar o outro, colocando-o na unidade originária do amor. Para Leonardo só a mais alta transcendência poderá dar ao homem a verdadeira unidade. Assim, como se dirá mais adiante, a pluralidade dos seres existe para enriquecer a unidade. Por isso afirma: «Abençoado o instante em que o homem mergulha integralmente na realidade, vivendo a íntima vida do Ser, fremente, directa e plena.»⁶

³ Cf. *idem, ibidem*, vol. II (1913-1915), prefácio de António Braz Teixeira, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, pp. 276-277.

⁴ Cf. *idem, Dispersos II, Filosofia e Ciência*, nota preliminar de António Braz Teixeira, Lisboa, Editorial Verbo, 1987, pp. 301-307. A influência de Unamuno em Leonardo Coimbra nota-se, nomeadamente, em assuntos como: no carácter trágico e misterioso do homem; na relação do homem com os outros homens na sua relação com o transcendente e ainda no dinamismo do espírito humano.

⁵ Cf. *idem, ibidem*, p. 282

⁶ *Idem, ibidem*, p. 289.

Para Leonardo Coimbra «o homem quer o absoluto e todo o Universo entra no seu pensamento e nas suas acções»⁷. Para o nosso autor, o homem não só deve reconhecer e louvar a Deus por esta sua condição de abertura ao transcendente, como deve, também, sentir a alegria universal, cósmica, do ardente amor com que nos foi dado o ser. Por conseguinte, uma forma de cousar o homem é medir a vida apenas por valores humanos que é, também, causador do falso pessimismo⁸. Assim, não há, em Leonardo Coimbra, uma natureza humana sem uma transnatureza. Toda a natureza humana é penetrada pela natureza divina, pelo infinito excesso, pelo pensamento verdadeiramente livre e criador. Para Leonardo, o homem foi criado em natureza para se fazer em liberdade, mas o ser livre é o ser que recebeu a possibilidade de se fazer livre⁹. Como diz Leonardo Coimbra, n'*A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, «a relação do homem com o Absoluto, através e para além de relações universais, é o sentido metafísico do homem, a essência mesmo da sua natureza»¹⁰. É neste sentido que interpretamos as palavras de Manuel Cândido Pimentel, quando afirma que «a concepção antropológica de Leonardo Coimbra, sendo libertária, mergulha a prumo numa metafísica cósmica da vida e da liberdade»¹¹. Só assim se compreende, no nosso entender, como a filosofia de Leonardo Coimbra é uma filosofia anticousista, do excesso, da excedência, no sentido de uma filosofia onde o plural e o real se revelam ao homem, sempre como um trânsito para o supe-

⁷ Cf. *idem, ibidem*, pp. 291-293. O materialismo teimoso, com relativa facilidade, nos concederá que o mundo físico revela uma unidade, mas dirá que a Unidade social é uma ligação de pensamento e por isso sem significado mais que humano, sem realidade essencial. A humanidade constituirá, sob este ponto de vista, como que um isolado sistema, cujo dinamismo não é mais que a troca dos pensamentos individuais, pela palavra e pela acção.

⁸ Cf. *idem, Obras de Leonardo Coimbra*, vol. I, Porto, Lello & Irmão-Editores, 1983, p. 195.

⁹ Cf. *idem, A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1935, pp. 8-9.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 8.

¹¹ *Idem, Obras Completas*, vol. I, t. 1, p. 63.

rior. O pensamento metafísico leonardino reflecte, assim, toda a actividade do espírito. Tem, no dizer de José Marinho, «raiz própria no espírito humano»¹².

Na filosofia de Leonardo, enquanto uma metafísica da liberdade, o homem não está limitado na sua acção. Por isso, para Leonardo Coimbra, ser livre é ser uma pessoa. Assim, se «a sociedade humana e a sociedade cósmica não erguem novas e últimas realidades, a pessoa, para permanecer, terá de se coordenar com essas novas actividades, ou morrerá cousado em irreal e abstracto psicologismo. A liberdade não é, assim, uma mera ideia fazendo-se acção; a liberdade é, em si mesma, activo sistema de noções¹³. Contudo, o homem não está sozinho: a pessoa é em sociedade e para a sociedade. Uma consciência isolada em breve esgotaria a sua actividade de síntese¹⁴. «A consciência dum lado social faz-se consciência dum lado social ideal e absoluto.»¹⁵ Isto é, está com os outros, numa plena harmonia de inter-relação com o mundo e com Deus. Nesta perspectiva, José Marinho afirma que esta tripla relação do homem com os outros homens, com o universo e com Deus é uma interacção cósmica¹⁶. Consequentemente, o homem, embora tenha um destino terreno e histórico, tem também um destino que implica a transcendência¹⁷.

Na obra *O Homem às Mãos com o Destino*, Leonardo questiona-se acerca do destino do homem e questiona-se mesmo se o homem tem um destino, um fim igual aos outros seres, um fim, como diz Leonardo Coimbra, no sentido de extinção, aniquilamento e morte. Leonardo, no nosso entender, já tinha aberto uma tentativa de resposta para este problema humano, quando fala da morte. Assim, o homem tem

¹² José Marinho, *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e Outros Textos*, vol. IV, edição de Jorge Croce Rivera, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, p. 118.

¹³ Leonardo Coimbra, *Obras Completas*, vol. I, t. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 225.

¹⁴ Cf. *idem, ibidem*, pp. 227-228.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 263.

¹⁶ José Marinho, *op. cit.*, pp. 87 e 107-109.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 88.

um destino que não é igual a um fim, no sentido de aniquilamento, extinção ou mesmo morte. A morte é, para Leonardo Coimbra, o encontro amoroso à fonte e às águas originárias do Ser absoluto. No homem, segundo Leonardo, mora um Deus que brilha, que é um clarão duma chama, rosa de fogo, abrindo, na escuridão do planeta, as suas pétalas luminosas¹⁸. Esta luz é, no dizer de Leonardo, «um testemunho e uma promessa: testemunho da Luz Originária, promessa de esclarecimento dos misteriosos caminhos do Destino»¹⁹. Aliás, os diferentes tipos de humanismos que Leonardo apresenta são, segundo Arnaldo de Pinho, formas de o homem se enfrentar com o destino, respondendo às relações do homem com o Universo²⁰. Leonardo Coimbra defende, assim, uma ontologia radical, envolvendo o destino humano, o sentido do mundo e da existência, abraçando o ser, o infinito e Deus. Não há, em Leonardo, uma antropologia que idolatre o homem. Por isso, recusa o cientismo, o marxismo e outras formas modernas de idolatrar o homem, uma vez que há uma relação inesgotável com o absoluto que significa, ao mesmo tempo, o mistério com Deus presente, que, não sendo um ideal, é um máximo de realidade. Deste modo, o sentido cósmico e antropológico alteram-se, o homem já não pode, por exclusiva virtude, alcançar o supremo bem. O homem não pode, apenas pelo pensamento e na ideia, superar a dramática cisão que está na raiz de todo o existir, o pensamento deixa de ser como em *A Morte* «a única oração eficaz». Só a relação pessoa a pessoa entre Deus e os seres, a relação de intimidade e plenitude ou relação ontológica, pode dar ao homem, com a segurança de ser, a verdade bem segura de si²¹.

¹⁸ Cf. Leonardo Coimbra, «O homem às mãos com o destino», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, t. VI (Janeiro-Março de 1950), p. 14.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 14.

²⁰ Cf. Arnaldo de Pinho, «A busca do absoluto e as suas figuras na obra de Leonardo Coimbra», in *O Tributo e o Filósofo*, Porto, Edições da Câmara de Felgueiras, 2005, p. 41.

²¹ Cf. José Marinho, *Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra. Introdução ao Seu Estudo*, Porto, Livraria Figuerinhas, 1945, pp. 168-170.

É, assim, já o sentimento religioso, cristão, que está presente no pensamento de Leonardo Coimbra e que o eleva a uma ordem superior para a qual, como diz Leonardo, cada «homem está vocacionado e destinado; a aspiração da vida moral para a divina e fraternal unidade»²². Esta afirmação de Leonardo quase que nos faz lembrar aquela afirmação de Santo Agostinho, nas *Confissões*: «Criaste-nos para vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em vós.»²³ Assim, para Leonardo Coimbra, a morte não é um fim, como se disse atrás, mas é um rejuvenescimento, um voltar ao começo.

Deus seria, deste modo, o começo e o fim do homem, nesse encontro amoroso do homem com Deus. Por isso, a fraternidade de que nos fala Leonardo não é uma fraternidade universal apenas numa relação horizontal, entre homens, mas uma fraternidade vertical, cósmica, dos homens com os outros homens e com Deus, em que Deus se realiza como amor, numa comunhão marcada por uma perspectiva teísta e por uma doutrina do amor e da pessoa, tal como defende Ângelo Alves²⁴. O amor é, para Leonardo, o centro e a raiz de todo o criacionismo, é a essência da realidade, pois Deus é imanente ao mundo, que é a sua manifestação, sem que por isso seja o próprio Deus²⁵. No pensamento leonardino, a imanência e a transcendência são relações e não absolutos²⁶.

Leonardo Coimbra defende, de facto, um personalismo monadológico, sem cair, no entanto, num individualismo e num

²² Leonardo Coimbra, *Obras Completas*, vol. I, t. I, p. 227.

²³ Santo Agostinho, *Confissões*, trad. de Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, prólogo de Lúcio Craveira da Silva, 9.ª ed., Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1977.

²⁴ Cf. Ângelo Alves, *O Sistema Filosófico de Leonardo Coimbra, Idealismo Criacionista*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1962, p. 177.

²⁵ Cf. António Braz Teixeira, «O pensamento filosófico na obra de Leonardo Coimbra», in *O Tributo e o Filósofo*, Porto, 2005, p. 27.

²⁶ Leonardo Coimbra, apesar de acreditar no amor e no bem, reconhece, contudo, a realidade do mal, mas, através do mistério da queda, vai conciliá-lo com a bondade, abrindo luminosos horizontes de esperanças num final de redenção, fundada na sua metafísica do amor criador e amante, da memória inventiva e da graça libertadora que sustenta e eleva para a unidade a fraterna sociedade de mónadas que é todo o universo. Cf. *idem, ibidem*, p. 34.

egoísmo solipsista. Mas, para que seja possível essa relação de amor com Deus, segundo Leonardo Coimbra, é necessário ter humildade, não aquela que Nietzsche via no verme, mas a humildade enquanto atitude religiosa, como um alto esforço de universal receptividade. Essa humildade religiosa é a base metafísica do respeito pela experiência, interrogativa conversa dos seres, da tolerância, reconhecimento dum interior em cada ser; do sentimento social, que é uma longa experiência de tolerância, conquistando, pouco a pouco, o espaço social para as almas afastadas. Por isso, Leonardo afirma que essa atitude religiosa de humildade abre na alma do homem uma cósmica vontade de união, é a fonte da ciência e da arte²⁷. Foi assim que, segundo Leonardo Coimbra, a humildade permitiu a descoberta das almas. Não se sabia que, em todo o homem, existe uma realidade fora de todo o preço, porque o preço é o particular e a alma é o concreto universal. Só «a humildade podia fazer com que cada alma se dirigisse a outra, aberta em solicitude interrogativa; sem ela só pode cada alma aviltrar as outras, porque a elas se dirige com o que é só seu a afirmar e impor»²⁸.

Leonardo Coimbra, em *Louvor da Liberdade*²⁹, afirma que o individualismo degenerado, que é uma forma de cousismo, gera conflito. Não que Leonardo negue em absoluto o individualismo, mas afirma que é preciso, e por amor a esse individualismo, atacar todas as formas de egoísmos, elevando os indivíduos à cooperação. O próprio homem bio-individual é o produto da vida e da sociedade. E porque, para Leonardo, o homem é um todo concreto, aprende em si e aprendemos em nós uma social unidade, que, subindo, torna cada eu mais afirmativamente social, em beleza e harmonia. Desta maneira se revela uma outra forma de anticousismo antropológico em Leonardo Coimbra. Pelo contrário, o homem descendo liberta-se para a divergência, a caminho do caos, tendência

²⁷ Cf. Leonardo Coimbra, *Obras Completas*, vol. III (1916-1918), prefácio de Manuel Ferreira Patrício, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, pp. 193-194 e 221-222.

²⁸ Cf. *idem, ibidem*, p. 194.

²⁹ Cf. *idem, ibidem*, p. 104.

mais pobre, menos social, egoísmos elementares, tendencialmente naturalista e cousista³⁰. Deste modo, já se percebe a maneira como Leonardo Coimbra irá desenvolver estas e outras ideias relativas ao homem e sobretudo à perspectiva aberta do seu personalismo. Tarefa, aliás, que leva a cabo essencialmente a partir de *O Criacionismo* até, praticamente, à sua obra póstuma e inacabada, *O Homem às Mãos com o Destino*. Leonardo Coimbra critica, assim, a moral individualista que levaria a uma concepção do homem fechado em si mesmo e dono exclusivo do seu projecto de vida e em que a liberdade teria como único princípio a vontade individual de cada homem, à maneira do existencialismo ateu sartreriano.

É a consciência religiosa de Leonardo que faz com que eleve o homem a um nível supremo de fraternidade. O que reflecte, aliás, o seu antimaterialismo e o seu anti-positivismo. Assim, para Leonardo Coimbra, o homem quer o absoluto e todo o Universo entra no seu pensamento e nas suas acções. Segundo Ângelo Alves, ele reconhece-se como consciência representativa do todo, não como mero elemento de uma harmonia universal³¹. Leonardo, fortemente influenciado pela obra de Boutroux, declara que foi por ele liberto da tentação materialista³². Embora Émile Boutroux tivesse o mérito de fixar Leonardo no espiritualismo e na metafísica da liberda-

³⁰ José Marinho, *Estudos sobre o Pensamento Português Contemporâneo*, pp. 63-64. O materialismo moderno não é igual ao dos gregos. Nos gregos, com efeito o materialismo é essencial e coerentemente cosmológico, é uma explicação do universo. Nos modernos, pelo contrário, ele tem uma raiz antropológica, consiste numa afirmação obsessiva do homem, cuja raiz está não apenas na anulação da relação entre Deus e o homem, mas entre o homem e o universo.

³¹ Cf. Ângelo Alves, *op. cit.*, p. 167.

³² Leonardo Coimbra, entre outros assuntos, é influenciado por Emílio Boutroux no que diz respeito às noções de contingência das leis. Em Boutroux caem os velhos conceitos de razão imóvel, prefixa, absoluta e necessária, face ao carácter evolutivo, crescente e novo das ciências, como razão dinâmica, evolutiva e criadora. Por outro lado, Leonardo Coimbra é influenciado, também por Boutroux, quanto ao problema da possível evolução das leis da natureza. Cf. Leonardo Coimbra, *Dispersos II, Filosofia e Ciência*, nota preliminar de António Braz Teixeira, Lisboa, Editorial Verbo, 1987, pp. 308-311.

de, não foi o único nem o primeiro. O contacto com a obra de Antero de Quental, Junqueiro, Sampaio Bruno e mesmo pelo espiritualismo e pela metafísica cristã são, com toda a certeza, os seus pontos de referência intelectual e que introduziram Leonardo Coimbra numa nova postura espiritualista³³.

Leonardo Coimbra, já em 1909, ataca o egoísmo e anarquismo de Stirner e o seu solipsismo do eu único. Para Leonardo, a moral individualista é violenta³⁴. Por isso, Leonardo Coimbra se revê na linguagem excelsa e infinita de Junqueiro, própria do absoluto e do divino. Portanto, como se disse atrás, o homem tem uma direcção, tem uma finalidade. Tem, segundo Leonardo Coimbra, uma alta noção de finalidade, quando cria, por actos generosos, uma nova direcção de maior riqueza e melhor harmonia à vida universal.

É também por uma defesa da liberdade que Leonardo Coimbra descoisificou o homem, uma vez que estava menos preso à liberdade de consciência e mais preso à lei³⁵. Para Leonardo, só um pensamento criador da liberdade, anticousista, permite ao homem pensar e viver em liberdade; liberdade de pensamento e liberdade de acção. Para Leonardo, o homem só é verdadeiramente livre quando vence todos os cousismos. Isto é, quando vence as solicitações inferiores, ou, como se disse anteriormente, os limites materiais³⁶. E o homem só consegue vencer os cousismos com esforço e luta. É desta maneira que Leonardo Coimbra diz que o homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas obreiro dum mundo a fazer. O mundo da liberdade é, para o filósofo da Lixa, o mundo da criatividade. É o mundo de noções de mobilidade inesgotável de infinitas possibilidades³⁷. O homem é livre sempre, mesmo frente a todos os determinismos, sociológicos,

³³ Ângelo Alves, *Leonardo Coimbra (1883-1936). Filósofo, Orador e Político*, Porto, Estratégias Criativas, 2007, pp. 41-42.

³⁴ Cf. Leonardo Coimbra, *Obras Completas*, vol. I, t. I, pp. 82-83. Ver a este respeito a interpretação que Leonardo Coimbra faz de Junqueiro em *A Oração à Luz*.

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 87.

³⁶ *Idem, Obras Completas*, vol. I, t. II, p. 366.

³⁷ Cf. *idem, ibidem*, p. 16.

científicos, antropológicos ou outros. Daí que, em Leonardo Coimbra, a graça seja sempre a maior sensação de liberdade.

A filosofia, como órgão da liberdade, como mostra Leonardo na crítica ao humanismo antropolátrico, não pode realizar-se nos estreitos limites da existência humana. Criacionismo e cousismo opõem-se. Como todos os valores em Leonardo Coimbra, diz José Marinho, a liberdade implica transigência³⁸. É por isso que Leonardo afirma que os filósofos puramente especulativos, como os kantianos, ignoram que o homem não pode, por seu próprio e exclusivo esforço, libertar-se. A graça é imprescindível. Ao contrário, de toda a concepção panteísta, porém, a de Leonardo Coimbra, com a mesma energia, vincula o homem a Deus e, por aí, o liberta da sua finitude, mantendo, porém, a sua imperitura forma e conteúdo singular do ser dado no homem, como género, dado também singularmente e de toda a vida universal³⁹.

Para José Marinho, a liberdade em Leonardo Coimbra é um «núcleo de realidade». A liberdade é, sobretudo na terceira parte de *A Alegria, a Dor e a Graça*, «um modo de se revelar a si próprio e como a realidade se lhe revela. Por isso, a liberdade não depende, apenas, do homem e da sua razão, mas transcende toda a razão finita, como a própria razão humana no instante pela razão cósmica: é, pois, um irracional⁴⁰.

A pessoa tem de construir-se, tem de pôr em prática esse poder de acção, pelo pensamento gradual e esforçado⁴¹. Por isso, continua Leonardo Coimbra, a vida religiosa é mais que a inflexão do pensamento no sentido da pessoa activa. Mas é viver no todo, é dar-se em acção de ilimitada generosidade. É ser criador eterno da eterna beleza moral⁴². Em *A Alegria a Dor e a Graça*, Leonardo Coimbra diz que o ser humano é a ressonância do todo, onde todas as contradições e dualismos

³⁸ José Marinho, *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e Outros Textos*, p. 82.

³⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 592.

⁴⁰ Cf. *idem*, *Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo*, Porto, Lello & Irmão — Editores, 1976, p. 111.

⁴¹ Leonardo Coimbra, *Obras Completas*, vol. I, t. II, p. 366.

⁴² Cf. *idem*, *ibidem*.

acabam⁴³. Leonardo, nessa obra, abre-se e liberta-se para um diálogo pessoal. A alegria é, para Leonardo, vitoriosa e simples, é a afirmação espiritual, o sol depois da tempestade, a dignidade e a certeza da vida. A alegria criadora, acrescenta, é a alegria da conquista e da mais alta afirmação de si⁴⁴. Leonardo Coimbra combate assim todo o pessimismo de Schopenhauer, contrapondo o seu optimismo da sua antropologia.

Por isso, Leonardo diz que só uma filosofia da liberdade poderia dar ao homem a alegria de uma vida moral, que não fosse somente uma ingénua ilusão do seu desejo, mas uma realidade soberanamente bela e eminentemente verídica⁴⁵. Leonardo Coimbra acentua, assim, a vocação do homem, quando se encontra no coração humano o princípio espiritual da beleza, da justiça e do amor. Muito embora seja poético e idealista naquilo que diz, as palavras de Leonardo consubstanciam um realismo ontológico capaz de compreender o mundo e o homem e igualmente capaz de fazer deste mundo o presente de um Deus desconhecido e construir o universo com fragmentos de uma violenta amputação⁴⁶. Para Leonardo, Deus criou o homem e o mundo sem nunca o abandonar. Os homens é que se ignoram uns aos outros. Deste modo, o homem, no dizer de Leonardo, tem que abrir-se ao sol fecundo do amor universal, respeitando o homem, porque é seu semelhante, amando-o, porque é seu irmão, sentindo a sinfonia misteriosa da vida na melancolia feliz e sonhadora da criação⁴⁷.

Aqui, Leonardo Coimbra toca o problema fundamental do homem, que é o do sentido da existência humana. Sendo que, segundo ele, o próprio problema de Deus é o problema do significado humano, ou, com mais propriedade, super-huma-

⁴³ Cf. António Quadros, «A obra de Leonardo Coimbra no contexto cultural da sua época», in *Leonardo Coimbra, Filósofo do Real e do Ideal*, prefácio de Pinharanda Gomes, Lisboa, Instituto Amaro da Costa, 1985, p. 52.

⁴⁴ Leonardo Coimbra, *Obras Completas*, t. III, p. 73.

⁴⁵ *Idem*, vol. I, t. I, p. 292.

⁴⁶ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 293.

⁴⁷ Cf. *idem*, *ibidem*, p. 90.

no, e do significado absoluto da moral. Neste sentido, ser religioso é viver no infinito do amor, envolvendo, purificando, atravessando tudo e, por isso mesmo, manifestando-se no espaço em novos luars de fraternidade⁴⁸. Ainda em *A Alegria, a Dor e a Graça*⁴⁹, Leonardo Coimbra expressa bem o cousismo do homem, quando diz que «o homem vive numa concha, formada dos seus hábitos, depósitos dum longínquo arranjo social. Não se interroga, não pressente que em torno dessa concha marulha um infinito oceano, movido de infinitas actividades e formas.»⁵⁰ Por isso, para Leonardo Coimbra, a alegria é a expressão mais clara, mais fresca, mais originária e directa desse infinito oceano, dessa criatividade e dessa renovada criação⁵¹. Leonardo afirma, a este propósito, que «vamos para o silêncio do Mar ou da Montanha, porque o ruído altera todas as relações do homem com a verdade»⁵². É ainda em *A Alegria a Dor e a Graça* que Leonardo mostra como se atinge essa expressão originária desse infinito oceano, quando diz que é a síntese harmonia-divino da graça. Só assim se pode compreender a vertente religiosa de Leonardo Coimbra, já que para ele o homem tem que viver para Deus e para a graça, porque só deste modo o homem, como se disse anteriormente, vence todo o cousismo⁵³.

O optimismo criacionista de Leonardo Coimbra fundamenta-se na esperança, porque só ela manifesta a vontade de ser das almas e da humanidade⁵⁴. Leonardo afirma que «o mundo caminha por desilusões sucessivas para a completa luz. Isto é afirmar a redenção do universo numa futura unidade divi-

⁴⁸ *Idem, ibidem*, vol. I, t. II, p. 366.

⁴⁹ Cf. *idem, ibidem*, vol. III, pp. 43 e 201.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, vol. I, t. II, p. 43.

⁵¹ Cf. *idem, ibidem*, p. 44.

⁵² Cf. *idem, ibidem*.

⁵³ António Quadros, *op. cit.*, pp. 50 e segs.

⁵⁴ Cf. Leonardo Coimbra, *Obras Completas*, vol. III, p. 285. Sobre o optimismo histórico, diz Leonardo Coimbra, «Há um certo optimismo histórico, que é a soma de confiança, que no poder criador da Vida nós depositamos; como uma ilimitada confiança na harmonia cósmica é implícita na segurança com que pisamos o chão ou estendemos os braços ao amigo, que se avizinha.»

na. Se essa unidade é, como já foi dito, uma vontade sábia e poderosa, não só é incompreensível a queda como a redenção.»⁵⁵ Leonardo Coimbra afirma, mais uma vez, esta ideia nas obras *A Luta pela Imortalidade*, de 1918, *Do Amor e da Morte*, de 1924, e *S. Francisco de Assis*, de 1927, e, como se disse anteriormente, n' *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* e ainda na sua obra inacabada *O Homem às Mãos com o Destino*. Embora o homem seja, segundo Leonardo Coimbra, também sofrimento e dor, é, igualmente, a possibilidade de sublimação e depuração que é oferecido aos homens, desde que saibam vivê-la em harmonia, heroísmo e grandeza, como afirma Leonardo, em *A Luta pela Imortalidade*: «O Sol, além-montanhas, subindo sereno e imenso, o seu diluído corpo luminoso enchendo o mundo, pintando cravos, papoilas, gerânios, sangue alvoroçado, e, dentro de nós, a forte alegria de viver espalhando a rubra tonalidade do seu canto.»⁵⁶

Leonardo afirma que, apesar do pessimismo parecer como um movimento filosófico superior ao optimismo das almas, é apenas o cousismo dum pensamento incompleto⁵⁷. Daí o optimismo aparecer como algo de libertador, contra o pessimismo que é «próprio das vidas oprimidas sob permanentes hostilidades». Por isso, Leonardo Coimbra afirma que o pessimismo é falso⁵⁸. Assim, Leonardo Coimbra manterá esse optimismo apesar de todas as provas terríveis que irá passar. A este optimismo e heroísmo metafísico não é de estranhar o sentido redentor que o cristianismo traz à existência. A concepção do homem⁵⁹ em Leonardo Coimbra é tributária de uma posição filosófica racional; contudo, no nosso entender, o humanismo de Leonardo não se fica por uma perspectiva estritamente filosófica e racional, mas caminha, como se pode perceber por todo o seu percurso filosófico, para um humanismo cristão,

⁵⁵ Cf. *idem, ibidem*, vol. I, t. I, p. 176.

⁵⁶ Cf. *idem, ibidem*, vol. III, p. 262.

⁵⁷ Cf. *idem, ibidem*, vol. I, t. II, p. 382.

⁵⁸ Cf. *idem, ibidem*, p. 382.

⁵⁹ Cf. António Teixeira Fernandes, «O pensamento social de Leonardo Coimbra», in *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1992, pp. 170 e segs.

desviando-se, assim, tanto do humanismo antropolátrico como do humanismo exaustivo.

É por isso que a concepção do humano em Leonardo Coimbra está, segundo Arnaldo de Pinho, envolvida por uma esperança no sobrenatural que só a mundividência cristã possibilita de modo integral⁶⁰. Consequentemente, todo o criacionismo converge para um humanismo personalista de matriz cristã, como se disse anteriormente. Mas é sobretudo uma visão construtivista e transcendente do homem⁶¹. É por essa razão que não há, no entender de Leonardo Coimbra, qualquer possibilidade de se coisificar a pessoa, porque nem se anula o indivíduo, nem se anula o ser social do homem, porque há em cada um trabalho dialéctico/ascensional do pensamento filosófico criacionista, em que há uma relação e interacção e em que o homem participa numa unidade superior, da humanidade, do ser religioso que é da liberdade cósmica, afirmando-se como lugar da autêntica universalidade⁶². Há, por assim dizer, um direccionismo ascensional, em que, desde *O Criacionismo* até à última obra de Leonardo, se manifesta e se revela com mais proficuidade, cujo encontro com Deus é inevitável, enquanto grau superior de espiritualidade⁶³. Para Leonardo Coimbra, «sempre o Homem será grande e o cerrar-se da última consciência, pálida flor dum romantismo ilusório e quixotesco, encerra consigo o Espectáculo sublime do Universo.

Mas não.

Só porque, com o cerrar da Consciência, o Universo seria às escuras, apagado e sem vida, em nós protesta a vida, a liberdade e o amor; e é ainda um eco desse desejo que as minhas palavras ficarão ressoando nos movimentos de acordo que nos possam unir e abraçar!»⁶⁴

⁶⁰ Arnaldo de Pinho, *Leonardo Coimbra, Biografia e Teologia*, Porto, Lello Editores, 1999, pp. 89-93.

⁶¹ Manuel Cândido Pimentel, *Odisseia do Espírito*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, p. 135.

⁶² Cf. Leonardo Coimbra, *Obras Completas*, vol. I, t. II, p. 125.

⁶³ Cf. António Quadros, «Mestre de mestres ou do magistério de Leonardo Coimbra ao magistério dos discípulos», in *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, Lisboa, Edições Didaskália, 1986, p. 177.

⁶⁴ Leonardo Coimbra, *op. cit.*, t. IV, p. 112.